

PIONEIROS



Sophia Wainer

DF-Brasília
038
Reportagem 0069

Solidariedade, uma marca do início de Brasília

Arquivo Correio



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

O ano de 1960 poderia ter sido um ano qualquer para a jovem Sophia Wainer, não fosse a viagem, a convite do irmão Samuel, para assistir à inauguração da nova capital. Na noite do dia 20 de abril, da janela do avião que a trazia de São Paulo, avistou as luzes de uma pequena cidade que aos poucos despontava no meio do cerrado. “Quando vi do alto aquelas luzes e no dia seguinte abri a janela e deparei com o céu de Brasília, me apaixonei”, declara. Falar da cidade é sempre um motivo de satisfação e orgulho para esta jornalista que iniciou sua carreira no jornal Última Hora, em São Paulo, no ano de 1953. “Jamais trocaria Brasília por outra cidade. Brasília é minha vida. Tenho poucas lembranças de antes de vir para cá”, afirma.

A solidariedade dos moradores da nova capital emocionam Sophia até hoje. “Lembro do primeiro dia de Brasília, quando estava à procura da sucursal da Última Hora, ali na rua da Igrejinha (307/308 Sul). Estava completamente perdida quando o deputado Magalhães Pinto passou por mim e me ofereceu

carona até a redação”, relembra a então moradora da 306 Sul.

Os anos se passaram, mas as lembranças continuam vivas na memória desta pioneira que assistiu de perto o alvorecer de uma nova era no Centro-Oeste do país. Para Sophia, Brasília tem algo de místico no ar que sempre atrai as pessoas e as traz de volta à cidade. Ela mesma foi envolta por esse magnetismo e,

daqui, nunca mais saiu.

Misteriosa, Sophia só não esconde seu amor por cada metro quadrado da capital: a Catedral, o Teatro Nacional, a Universidade de Brasília, onde hoje trabalha como assessora do reitor. Locais que foram palco e testemunha do *glamour* da vida da época e de cenas engraçadas como, por exemplo, o dia em que ela e umas amigas foram arrecadar

dinheiro para a construção da Catedral. “Fomos até as obras para pegar a contribuição dos operários, algumas moedas, o equivalente a cinquenta centavos hoje, mas deixamos as janelas do carro abertas. Passou um redemoinho, na época chamado de *lacerdinha*, e nos encheu de poeira. Quando chegamos ao Ministério da Educação tivemos de ser espanadas”.

A PAIXÃO PELA CIDADE FEZ SOPHIA FICAR E AMPLIAR SEU CÍRCULO DE AMIZADES NA CAPITAL